

EDITORIAL

Rogério de Souza Medeiros*

Marcelo Burgos Pimentel dos Santos**

É com renovado compromisso intelectual que a Revista Política & Trabalho apresenta seu número 62, uma edição comemorativa pelos seus 40 anos de existência. O presente número também celebra Florestan Fernandes com um dossiê especial que marca os 30 anos de sua morte. A edição atual também marca uma mudança na política editorial da P&T que, a partir deste número, passa a ter periodicidade anual, em vez de semestral. Essa mudança se faz necessária para melhor atender às demandas editoriais e facilitar o fluxo de publicações, garantindo maior celeridade ao processo para autoras/es.

Em um momento histórico marcado por profundas transformações nas relações de trabalho e por desafios crescentes à democracia, este número convida o leitor a uma reflexão que articula a herança do pensamento social brasileiro com as urgências do tempo presente.

A estrutura deste volume organiza-se em torno de um dossiê temático de fôlego, seguido por artigos de fluxo contínuo, uma entrevista biográfica e resenhas que dialogam com obras seminais da nossa área.

O núcleo central desta edição é o dossiê “Florestan Fernandes: teórico social e intelectual público”, que celebra o legado do sociólogo paulista nos marcos de 30 anos de sua morte e 50 anos da publicação de “A Revolução Burguesa no Brasil”.

Na apresentação, Lucas Trindade e Diogo Valença de Azevedo Costa, organizadores do dossiê, sublinham como a obra de Fernandes, enraizada em um “estilo de pensamento *lumpen*”, oferece ferramentas fundamentais para pensar o “devir-periferia do mundo”.

O dossiê é inaugurado pelo artigo de Wilson Rogério Penteado Júnior, que resgata a noção de povo nos estudos de folclore de Fernandes, demonstrando como o autor refutou visões inerciais e evolucionistas para forjar uma concepção dinâmica de coletividade.

* Editor da Revista Política & Trabalho e professor da Universidade Federal da Paraíba.

** Editor da Revista Política & Trabalho e professor da Universidade Federal da Paraíba.

Em seguida, Ana Rodrigues Cavalcanti Alves e Eliane Veras Soares examinam os antecedentes do dilema racial brasileiro. Por meio de uma análise diacrônica, as autoras contestam a leitura residualista do racismo na obra de Fernandes, evidenciando como, já nos anos 1950, o autor identificava as novas funções assumidas pelo preconceito na ordem social competitiva.

Dando sequência a este eixo, Paulo Henrique Fernandes Silveira, no artigo "Florestan Fernandes, Roger Bastide e a palavra da militância negra", mergulha nos arquivos do Fundo Florestan Fernandes (UFSCar) para lançar luz sobre uma dimensão metodológica e política fundamental da pesquisa Unesco realizada nos anos 1950. O autor demonstra como Fernandes e Bastide, ao incorporarem seminários, histórias de vida e o testemunho direto de dezenas de lideranças - a exemplo de Jorge Teixeira, Sofia Campos e José Correia Leite -, romperam com a tradição de silenciamento dos grupos marginalizados na academia.

De modo complementar, Remo Mutzenberg e Eliane Veras Soares estabelecem pontes entre a interpretação de Fernandes sobre os movimentos negros e as Teorias dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). O artigo destaca a agência coletiva e a construção de quadros de referência (*frames*) na luta antirracista de São Paulo entre 1920 e 1937.

A dimensão econômica do pensamento de Fernandes é visitada por Lucas Trindade e Diogo Valença, que analisam o “espírito do capitalismo” revisitado desde a periferia. Os autores traçam um diálogo entre Weber, Sombart e as categorias de Fernandes, como a “racionalidade possível” e a “resistência sociopática à mudança”, para explicar a associação entre desenvolvimento capitalista e autocracia burguesa.

Encerrando o dossiê, Aristeu Portela Júnior e Maria de Fátima Souza da Silveira propõem um diálogo entre Fernandes e Ailton Krenak no cenário da Assembleia Constituinte. O texto confronta a “mitologia” da colonização pacífica e ressalta a importância do território para o reconhecimento das populações indígenas como nações.

Na seção de artigos de fluxo contínuo, o texto de Michel Nicolau Netto discute o prestígio das ciências sociais no Brasil contemporâneo. O autor argumenta que, embora a universidade tenha perdido o monopólio da interpretação social para novos agentes, como influenciadores e *think tanks*, ela permanece como o principal polo de legitimação simbólica do campo.

Já o mundo do trabalho em mutação é o foco de Ruy Braga e Davi Camargo, que analisam os impasses na regulamentação do “uberismo”. A pesquisa detalha a polarização entre

o conceito de “hora logada”, defendido pelos trabalhadores como prova de subordinação, e o de “hora trabalhada”, sustentado pelas empresas para manter a autonomia simulada.

Encerrando a seção de artigos de fluxo contínuo, Raynnara Laurentino Rodrigues e Maurício Rombaldi avaliam o programa Empreender-PB. O estudo revela as dissonâncias entre a retórica do empreendedorismo feminino e a realidade de precarização, mostrando como tais políticas frequentemente deslocam para os indivíduos a responsabilidade pela proteção social.

Este número conta ainda com uma entrevista exclusiva com o professor Adalberto Cardoso, conduzida por Cecília Soares e equipe. Cardoso narra sua trajetória acadêmica da USP ao IESP/UERJ, refletindo sobre sua formação interdisciplinar que transitou entre a sociologia urbana, as artes plásticas e os estudos sindicais, além de oferecer um diagnóstico sobre as mudanças tecnológicas e o acesso à pesquisa nas últimas décadas.

Nas resenhas, Rodrigo Estramanzo de Almeida discute o livro “A máquina das desigualdades”, de Elide Rugai Bastos, ressaltando o esforço da autora em sistematizar o pensamento social da Escola Paulista de Sociologia e a atualidade de Florestan Fernandes para a compreensão da marginalidade.

Por fim, Tarik Hamdan resenha a obra “As origens da sociologia do trabalho”, de Ricardo Festi, mapeando os percursos cruzados entre as tradições brasileira e francesa nas décadas de 1950 e 1960 e a influência de nomes como Friedmann e Touraine sobre os fundadores da sociologia uspiana.

Desejamos que as páginas que se seguem estimulem o debate crítico e contribuam para o adensamento das ciências sociais brasileiras, honrando a tradição desta revista em ser um espaço de diálogo entre a teoria rigorosa e o compromisso social.

Boa leitura!

Os editores.